

BOAS FESTAS, SENHOR NATAL!

Com a introdução musical, o pano abre. Tudo muito lento e escuro. A «overture» continua, abandonando o estado lírico para receber as primeiras nuvens negras. Então, aparecem projectadas as imagens de um barco rente à costa em naufrágio, com refugiados. Ao terminarem das imagens, aluz vai dando entrada juntamente com o Coro, que começa a cantar como quem vem de longe e vai desenvolvendo avoz até ao fim.

CORO – A porta que abre a tristeza do Mundo
Não dá para o mar, que se rasga de mágoa,
E fecha sozinha em sono profundo...
É a primavera perdida na água.
Nós somos tristeza e mágoa do mar,
O sono profundo que, à beira do peito,
Quem sabe quem prende este modo de estar
Sem lar, sem país, sem amor onde deito
Esta agonia, sim!
Este veneno tem
Poder pra dar um fim
A todos e a quem
Nos deixa sem ter gente,
Nos deixa sem ter pão.
Ai, coitado quem sente
Romper o coração.

Amigos, ouvi que o destino caiu,
No colo do abismo, sem pátria, sem lei.
Nós somos aqueles que Deus não ouviu
Gritar liberdade, p'la paz, pela grei.
Corruptos, ladrões, que mais querem de nós?
Os mortos não chegam pra vosso proveito?
Chegámos aqui sem ter força na voz;
Chegámos se m asas, em tempo imperfeito.
O guarda aqui vem,
Vem ver o Mal deitado
Na cama de ninguém
E nunca resgatado.
Ninguém quer já saber
De quem lhe morre à fome.

Morrer não é sofrer.
Só sofre quem não come.

Ficam alguns coristas e atores.

1º ATOR – E não foram todos ao fundo...

2ª ATOR – Mas, morreram muitos. Sobretudo, mulheres e crianças.

3º ATOR – Não pudemos fazer nada.

1º ATOR – Se quiséssemos..., tínhamos feito...

4ª ATOR – Para que serve este monte de moribundos? Deixa-os aí! Vão morrer por si.

2º ATOR – Até que chegue a nossa vez.

4º ATOR – Não podemos aguentar nem os ventos nem a chuva. O nosso tempo virá. Dá-lhes o que a Cruz Vermelha mandou.

3º ATOR – Nem sabemos o que é que podemos dar...

Trazem 2 pequenas caixas.

4º ATOR – Abre essas caixas.

1º ATOR – Esta gente tem fome.

4º ATOR – Ainda bem! Assim comem o que lhe derem.

2º ATOR – Toma esta lata de sardinhas e uma garrafinha de água!

1º REFUGIADO (*pega nas coisas e canta*) – Muito obrigado!

Em cada obrigado, vai-se juntando mais uma voz

3º ATOR – Leite em pó. Junta-lhe água.

2º REFUGIADO com o 1º – Muito obrigado!

4º ATOR – Sumo de tomate e arroz cru!

3º REFUGIADO + 1º + 2º -- Muito obrigado!

2º ATOR – Batatas cozidas com a casca!

4º REFUGIADO + 1º + 2º + 3º -- Muito obrigado!

1º ATOR – Beijinhos sem se saber de quem!

5º REFUGIADO + 1º + 2º + 3º + 4º -- Muito obrigado!

3º ATOR – Uma camisola de futebol!

6º REFUGIADO + 1º + 2º + 3º + 5º -- Muito obrigado!

Muito obrigado!

Muito obrigado!

Ah, coisas boas que nos dão!

Que gente linda e solidária!

Ah, gente com bom coração!

Ah, gente amiga, mas corsária!

Atores e Refugiados devem ser homens e mulheres.

Os refugiados continuam a cantar, mas em tom de gozo.

REFUGIADOS – Muito obrigado!

Muito obrigado!

Muito obrigado!

Anda a Europa numa boda,

Casando e descasando:

Anda de roda toda, toda,

Muito cansada, descansando.

Muito obrigado!

Muito obrigado!

Muito obrigado!

1º ATOR – Tirem essa gentalha daqui para fora. Já ninguém fala dela... É como quem passa a esponja no quadro da escola.

2º ATOR – O que é que lhe pode acontecer?

3º ATOR – Nada de especial. Ignora-se.

1º ATOR – É o mesmo que ignorar que a morte existe.

2º ATOR – Quem morre escapa da fome! (*Sai*).

3º ATOR – Ninguém sabe isso melhor do que quem manda.

O Coro vai entrando... Podem ser utilizados solistas.

CORO – Não me digam que é pecado sonhar;
Que o mundo é um poço sem fundo,
Onde os sonhos se vão todos afogar:
São aves que se deixam apanhar.

Tudo é falso ao chamar hipocrisia
(A ganância não tem preço nem medida).
Não há tempo para ver que a alegria
Não se fica pela rima da poesia.

Afinal, o que é possível fazer
Pra que haja um pouco mais de justiça?
Não há nada que nos deixam fazer
A não ser resistir pra não morrer.

Quem nos disse que a morte é fatal;
Quem procura dar a voz à verdade,
Acredita nesta paz que, afinal,
Nos avisa que, por cá, há Natal.

Saem todos. Fica uma Voz Feminina.

VOZ FEMININA – Mas, não há neve.
Há fome e frio.
Aqui se escreve

Quem já sentiu
Bater na alma,
Como quem chama
A noite calma
Em panorama
De amor sofrido,
De amor aos molhos.
Amor tecido;
Amor nos olhos.
Ai quem pudesse
Abrir a voz
Que se esquece
Dentro de nós.

CORO FEMININO – Mas, não há neve.
Fome real.
Natal não deve
Ser só Natal.

Saem todos. Ficam só os intervenientes e o casal. A mulher está visivelmente grávida.

ATOR – Quereis ver? Olhem para ali. É um casal bonito, mas também aflito. O seu filho quer nascer. Precisa de nascer. Só que a Europa está tão cheia de gente velha que não pode suster uma criança. Mais refugiados, não!, diz ela. E todos ficam em paz. Todos os dias morrem de fome 8 500 crianças. Mas isso que interessa. Esta não vai ter onde reclinar a cabeça.

O Casal procura casa. Tudo cantado.

MARIDO – Senhor! Senhor!
O nosso filho precisa
De um lugar para nascer!

DONO(A) DA CASA – Por Deus, senhor!
Não espaço que seja
Pró vosso filho viver!

CASAL – Vocês, aí?!
Acaso têm lugar

Pró nosso filho nascer?

DONO(A) – Também pedi!
Mas nem um beijo nos deram
Pró nosso filho viver!

ESPOSA – Minha senhora,
Por acaso, tem lugar
Pró nosso filho nascer?
Está na hora!
Eu nem tenho um buraco
Onde ele possa chorar.

Surgem uns pastores. Talvez três.

CASAL – Então, vocês,
São donos dessa arribana?

PASTORES – Somos, sim! Mas muito estragada!
Está bem suja!
Sai a vaca e a burra
E é bem melhor do que nada!

PASTOR (*recitando*) – Podemos limpar este palheiro. Ao menos,
arranjamos um lugar para o vosso filho nascer.

*Com banda sonora , saem enquanto entram duas crianças. Cantam. O céu
estrelou.*

CRIANÇAS – Gloria in excelsis Deo!

Entra o Coro.

CORO – Andam os anjos a espalhar
A Boa Nova que nasceu
E lá vão todos a cantar
O novo ser que a paz nos deu.
Nada de guerras nem de mortes.
A gente quer o mar calado.
Que todos sejam remos fortes

Para rumar ao Bem-amado.

CORO E CRIANÇAS – Gloria in excelsis Deo!

CORO – Que esta noite seja dia;
Que esta fome seja pão;
Que a pobreza, por magia,
Seja riqueza em coração.
Nada melhor que acreditar
Neste sorriso de criança.
Depois partir pra levantar
Uma bandeira d'esp'rança!

CORO E CRIANÇAS – Gloria in excelsis Deo!

CORO – Só quem tiver a mão aberta
Para abraçar o seu irmão,
Pode fazer a descoberta
De outra pátria – outro chão.
Ah, este tempo de loucura
Com o formato duma cruz,
E, mesmo assim, ver a ternura
A procurar, do sol, a luz.

CORO E CRIANÇAS – Glória in excelsis Deo!

Quando entra o «Cadillac», os que estavam em cena fogem. Saem os três Magos.

GASPAR – Só faltava sermos invadidos por uma praga de anjos latinos, cheios de fome.

BELCHIOR – Há momentos mais tristes...

BALTAZAR – Prefiro saber com quem ando para saber quem sou.

GASPAR – Também fazes parte deste presépio.

BALTAZAR – Não! Mas gostava!

BELCHIOR – Em que figura? Contrabandista, traficante de droga, de armas, salteador de bancos?

BALTAZAR – Nem tanto! Cós diabos! Ainda há gente que vive com a mão na consciência...

BELCHIOR – Como esta? (*canta*):
Uma estrela nos guiou.
Hei de lê-la como é.
Ela nos orientou
A brilhar cheia de fé.
O caminho que fizemos
Num «Cadillac» maior...
Ai as prendas que trouxemos
São dignas do Belchior.

BALTAZAR – E também do Baltazar,
Com bondade e desvelo.
Já estão a calcular
Que não cheiro a camelo.
Só a Pierre Cardin.
É de seda a gravata.
O casaco de astracã
É bonito e não mata.:

GASPAR – Ó Baltazar, Baltazar!;
Se te calasses de vez.
Eu não me chame Gaspar:
Foste à loja do chinês!
Nossas prendas boas são
E chateiam de beleza.
Quem atira o arpão
À baleia da pobreza?!

BELCHIOR (*grita*) – É um menino!

BALTAZAR – Claro! Uma menina antes quer uma Barbie!

Entra o Coro.

HOMEM DO CORO – Quem sois e o que vindes cá fazer?

GASPAR – Dar presentes!

HOMEM DO CORO – A quem?

GASPAR – A um menino que nasceu num pardieiro qualquer.

HOMEM DO CORO – E o que trouxeram para lhe dar?

BELCHIOR – Só coisa boas, úteis e bonitas! Quereis ver?

BELCHIOR (*canta*) – Metralhadoras, muitas bombas. Muita morte!
As armas químicas, tão moderna invenção!
Matam depressa, deixam cheiro muito forte.
Tudo apodrece com o fogo do canhão.
Também lhes trouxe umas armas nucleares,
Das que espatifam alvos de entontecer.
Lá vão sozinhas nem foguetes pelos ares.
Senhoras, senhores, quereis ver?!

CORO (*vozes fortes. De preferência, cantado*)

– Não! A gente já sabe como é!
Leva as tuas oferendas.
Enjoam que nem rapé!
Não! Não e não!

BELCHIOR (*fazendo-se agastado*) – Está bem!

Assim se agradecem as prendas!

BALTAZAR – O Baltazar é mais humano;

É mais culto e solidário.
Tem um curso superior
Dentro de um relicário.
A palavra corrupção
É tão linda como oiro,
Anda fechada na mão,
Porque é um grande tesouro.
Justiça faz que não vê.
Tudo corre sempre bem.

Quando alguém lhes bate à porta
Não aparece ninguém.
É dinheiro! É dinheiro
Que nos chega de repente.
Quem o apanha primeiro
É que é amigo da gente!

CORO – Também amargas nem limão.
Quem nos dera afogar
Quem produz a corrupção
E atirar tudo ao mar.

GASPAR – Eu sou Gaspar,
Branco de lei,
Eu vendo sonhos,
Mas não sou rei.
Todos me amam;
Todos me odeiam.
Só me rodeiam
Os que me chamam
Papá Noel
À brasileira;
Pau de roseira,
Pastel de fel,
Sou um poema
De estearina
Fungando o tema
Com cocaína.

CORO – Só cá faltava quem viesse pra ajudar
A dar o nó do casamento.
Todas as prendas que agora quereis dar
Ficam perdidas no vento.

GASPAR – Vocês parecem
Mulheres idosas
E até esquecem
Que são tinosas.
A cocaína
É muito fixe

E se não rima,
Pois que se lixe.
Não deem mais
Amor por fora.
Snifem bem a toda
A toda a hora.
Quem não quiser
Que siga em frente,
Mas não estrague
A noite à gente.

CORO – Só quem faltava quem nos desse um empurrão
Pra irmos todos de enfiada.
Mas, o pior é que se muda de ladrão,
Mas não se muda a macacada.

Saem os Magos.

1º ATOR – Vamos ter que ignorar as armas, a corrupção e as drogas.

2º ATOR – Está na hora de darmos voz ao Amor.

3º ATOR – Mesmo que esse Amor nos destrua a razão.

Entram as Mulheres.

MULHERES – Ai quanto sonho quebrado
Nestas crateras da ilha!
Ai meu amor, este fado
É como barco sem quilha
Ai este céu tão forrado
Que brilha.

Entram os homens.

TODOS – Brilha luar encapelado
No mar que sempre nos rodeia,
Mas deste lado
A lua brilha cheia!

MULHERES – Se o nosso filho pudesse
Cavar o chão, que é de todos,
Era o amor que amanhece,
Dando o pão dos nossos bodos.

TODOS – E se o povo quisesse,
A rodos,
Daria amor à solidão
Daria pátria a quem não tem.
Esta canção:
Orvalho da manhã.

MULHERES – Ódio deixava de haver,
Bem como armas fatais.
Balas que são pra morrer
Não pode haver nunca mais

TODOS – Damos as mãos pra deter
Punhais!
Longe, bem longe a maldição
De ter um sonho que não finda.
Meu coração
Bate demais ainda!

FIM DA PRIMEIRA PARTE (?)

BOAS FESTAS – II PARTE

Com o final do «Intermezzo», entra a Voz Feminina que, pelos últimos versos da primeira estrofe, faz surgir o Coro. Entrada lenta. O fundo do palco mostra mar e céu.

VOZ FEMININA – Eles vieram com as prendas de Natal,
Com seus sorrisos pregueados, malfazejos.
Deixaram armas ao natural
E muita droga disfarçada com mil beijos.
Depressa o tempo se encarregou
De espalhar por este povo o que sobrou.
A minha voz ficou parada no silêncio.
O meu olhar é o retrato do desgosto.
A ilha sofre com este incêndio
Que deixa marcas na beleza do seu rosto.

CORO – Nem sempre é fácil dizer que não.
A nossa fome cabe na falta de pão.

VOZ FEMININA – Gostava tanto de cantar uma toada
Com um poema de poeta casual,
Que me entregasse, pela madrugada,
Toda a ternura embrulhada de Natal.
Ai minha gente, não posso mais.
Gostava tanto de viver aqui em paz.

COM MAIS 1

OU 2 VOZES – Está na hora de dizer aos três senhores
Que as suas prendas são mesmo de matar.
Podem voltar! Não levem flores!
Nenhum adeus vai ter um lenço a acenar.

CORO – Estamos prontos para dizer
Que ainda hoje há mais tempo pra viver!

1º ATOR – Lá por ser Natal, não quer dizer que a gente aceite tudo quanto nos queiram dar...

2º ATOR – Isso não! Vamos trazer esses senhores e devolvê-los à sua terra.

3º ATOR – Vamos! Já chega de falsos papás-noel!

VOZ FEMININA – Amigos!, mais cuidado!

Não é preciso matar!

CORO – Senhora, este pecado

Até nos pode salvar!

Deixem passar!

Deixem passar!

Os Magos entram e enfrentam o Coro.

BELCHIOR – O que foi que fizemos?

É, assim, que agradecem

Tudo quanto trouxemos?

Dei-vos um arsenal,

Todo sofisticado,

Muito bom para o Natal!

CORO – Bem podeis jurar que a Terra

É redonda que nem bola;

Bem podeis dizer que a guerra

É sapato sem ter sola.

Todo o vosso armamento

Serve pra deitar ao mar.

Aproveitem o momento:

Ponham-se lá a cavar.

BALTAZAR – Ensinei a roubar

Mãos lavadas; lavadas

Com água e perfume.

Mas vocês, a cantar

Como canas rachadas,

Vão morrer de ciúme.

CORO – De ciúme não morremos,

Nem de amor ou maldição.

Só morremos porque temos

Um perdão em cada mão.

Roubem! Roubem que, amanhã,

Vai haver um novo dia.
Esperamos que alguém
Vos afogue em agonia.

VOZ FEMININA – Amigos, mais cuidado!
Não é preciso matar!
Ninguém vai morrer aqui!

GASPAR – A passinha que dei
A vocês (coisa fina!),
Foi de graça, senhores!
O susto que passei
Compenso em cocaína,
Com bombons e amores.

CORO – Bem podes dar o que tens.
Abrir a arca onde guardas
Roubos, drogas, espingardas.
E mesmo assim não convém
Ficar aqui. É um crime,
Provocação, uma afronta.

GASPAR – O que demos foi sublime!

CORO – Mas logo erraram na conta.

MAGOS – A ingratidão é malícia!

CORO – O crime, então não se fala.

MAGOS – Vamos chamar a polícia.

CORO – Isso, à gente, não rala...

MAGOS – Quem manda aqui sempre manda.
Autoridade bem posta.

CORO – Mas só quem manda, desanda.

MAGOS – A polícia também gosta!

Os três Atores aproximam-se dos Magos com ar superior...

1º ATOR – Talvez seja verdade. Não faz mal. O que é preciso é que obedeçam sem refilar.

2º ATOR – Vejam isto! Vocês pensam que estamos a brincar. Vocês vieram de Cadillac. Agora podem ir a pé.

3º ATOR – Ou, então, como quem se despede da namorada, podeis sair com beijos de bordoadada.

MAGOS – Vamos chamar a polícia!
Deixem! Deixem-nos passar.

CORO – Vocês só saem
Por esse lado.
Levem ao Mundo,
Este recado:
Naquela ilha,
Ninguém faz mal.
Há sempre alguém
Que, p'lo Natal,
Corre com quem
É bicho mau.
Por isso, vão
Levar tau-tau!

MAGOS – Uma granada
Faz bem aqui,
Cala vocês
Por uma vez!

CORO – Vocês são doidos
E criminosos.
Não há prisões
Pra cães tinhosos.
E toca a andar
Daqui pra fora.
Há muito tempo

Está na hora.

BELCHIOR – Em vez da bomba...,

BALTAZAR – Em vez da droga...,

GASPAR – Antes quereis
Um missal?

CORO – Pois, antes isso!
Já que é Natal!

BELCHIOR – Tractor de plástico?...
Ou uma Barbie?

BALTAZAR – Um urso azul?...

GASPAR – Ou um skate?

CORO – Sobe o azeite
E a mostarda!

Deixa-se a sugestão que seis elementos do Coro, com bordões, acompanhados por uma música de ritmo forte, em que o bordão, ao bater no chão, marca o tempo principal do compasso. E fazem sair os Magos. O resto do coro recua e sai.

Entra um par de Meninos. É noite. Céu estrelado, se possível, com Lua cheia.

MENINA – Ando a sonhar com regaço de aves
E tento vê-las voar de f'licidade.
Manhãs douradas e marés suaves
Com as estrelas brilhando liberdade.

MENINO – Quem sonha assim tem, no peito, fartura
Tem alegria num cesto de maçãs;
Tem rosas como em pintura;
Olhos azuis é aquilo que tu tens. *(Mudar a cor dos olhos, conforme a cor dos da Menina).*

E sem secretárias.
E mais lavradores,
Criadores de gado;
Também pescadores
Em barco varado.
Passaram doutores,
Medicina geral,
Militares, tambores
Tocando Natal.
E advogados,
Sabidos em leis,
Artigos parados
Nas camas dos reis.
Tanta gente séria!
Tanta gente boa!
Ai tanta miséria
Numa ilha à toa.
Ai tanto diacho,
Ladrão natural.
Ai venha cá baixo,
Ó senhor Natal!

1º ATOR – O pedido foi convincente. O senhor Natal mandou dizer que vinha: num avião, num trenó, num barco, numa carrinha. Mandou dizer que vinha.

2º ATOR – Também pode chegar no dorso de um animal.

3º ATOR – Venha como quiser, mas venha!

O senhor Natal entra como se fosse um luxuoso «Fred Astaire». Usa bengala e expressa-se numa coreografia do tipo «sapateado».

SR . NATAL – Sim! Sim! Sim! Cá estou eu!,
A pedido de vocês!
O que é vosso, é meu.
Desta vez é de vez.
Pois que passem ladrões.
Todos temos de dar
Um exemplo dos bons
Que sirva pra lembrar

Que o Mundo é da gente...
De quem saiba amar.
Ai amigos, não sentem
Quem queira acabar
Co'a pobreza dos pobres,
As crianças com fome.
Quem não tem é que sofre.
Quem não tem nunca come.

O Coro começa a intervir.

CORO – Boas Festas, senhor!
Não há mãos a medir.
O que está para vir.
Boas Festas, senhor!

1 VOZ DO CORO – Resta a voz de quem vem
Bater à tua porta.

CORO – Boas Festas, senhor!

OUTRA VOZ DO CORO – Não avistas ninguém.
É fantasma! Que importa?!

CORO – Boas Festas, senhor!

VOZ DO CORO – Então, ninguém suspeita
Que a vossa poluição...

CORO – Boas Festas, senhor!

VOZ DO CORO – Mudar o santo e a senha...
É sempre tudo igual.
O Mundo até desdenha

CORO – De ainda ser Natal.

SR. NATAL – Há muito que é preciso
Dar pão a toda a gente;
Há muito que é preciso

Ser amigo presente.

Em cada quadra vão-se juntando vozes, aos poucos, tanto femininas como masculinas. Ao fundo passam imagens de guerra, fome, temporais e fecha com a Criança morta na praia.

VOZES – Há muito que a paz
Anda a morrer na guerra,
Embora se deseje
A paz em toda a terra.

MAIS VOZES – Há muito que o dinheiro
Está nas mãos de alguns.
O pobre é o primeiro
A nunca ter nenhum.

MAIS VOZES – Há muito – e é verdade! –,
Que o sol não é de todos.
O vinho, pelos bodos,
Não cria liberdade!

MAIS VOZES – Há muita, muita gente,
Que anda sem guarida,
Pensando que a semente
Produz a própria vida.

CORO – O chão que, em vão, procuram;
A pátria que desejam:
Doença que não curam
E faz que todos vejam.

VOZ FEMININA – Embora, por desgraça,
Esqueçam a criança.
Morreu como quem passa
P'la praia da bonança.

No fundo, projectam-se cenários de Natal.

CORO – Já tocam sinos
Nas nossas almas.

Lá vão meninos
Com roupas alvas.

VOZES MASCULINAS – Chamem piegas,
Que não faz mal.

CORO – São Boas Festas!,
Senhor Natal!

VOZES FEMININAS – Anda a solidão
Vestida de luto.
Chove no coração.
O peito está enxuto.

CORO E AS 2 CRIANÇAS – Mesmo a saudade,
Que nos vestia,
Vem, de verdade,
Dar alegria!

VOZES MASCULINAS – Mas é pela janela
Que entra a esp'rança.

VOZES FEMININAS – E todos gostam dela
Até uma criança.

CORO – Faias, giestas
Dão o sinal:
São Boas Festas,
Senhor Natal!

Repetir os últimos dois versos todas as vezes que, musicalmente forem necessárias. O fundo é uma noite estrelada com luar. Fim. Pano.